

O OUTRO BRASIL

RUBEM BRAGA

JÁ escrevi sobre o pintor José Antônio da Silva, esse homem da roça que foi ser porteiro da noite em um hotelzinho de uma cidade do interior e fez uns quadros em um pedaço de flanela e acabou fazendo exposições no Rio e em São Paulo. Alguns desses quadros são deliciosos pela composição, pelo senso de cores e pela ingenuidade do desenho.

O Museu de Arte Moderna de São Paulo publicou agora o "Romance de minha vida", de José Antônio da Silva, ilustrado com 40 desenhos do autor. Antes de aparecer esse livro li a nota de não sei mais quem estranhando que por "snobismo" ou qualquer outra tolice o Museu fosse prestar tal homenagem a um tal "ingênuo" no lugar de empregar fundos em alguns de verdadeiros pintores. E' preciso ler esse livro para ver até que ponto a observação era tola e injusta.

Não hesito um só minuto em dizer que com esse livro o Museu publicou um dos documentos humanos e sociais mais importantes do Brasil. Aqui temos pela primeira vez isto: um homem da roça, um trabalhador rural contando sua vida. Desde nascença até perto dos 40 anos, José Antônio da Silva foi um caipira igual a qualquer outro. Viveu, como vivera seu pai, a alugar a força de seus braços de fazenda em fazenda, pegando toda e qualquer espécie de serviço, trabalhando desde a madrugada até a tarde escura, errante e miserável. Uma vocação revelada por acaso e um conjunto de circunstâncias felizes permitiram que um, entre milhões de irmãos, pudesse contar a história de todos.

Desde as artes, estrepolias e crueldades da infância e os primeiros trabalhos até o casamento, as encenças, as migrações, os medos, as brigas, aí está a vida de um caipira paulista em um livro autêntico,

pesado de tristezas, maravilhoso de pitoresco, rico de poesia, impressionante de realidade.

Anos e anos de trabalhos que ele descreve um por um, nas fazendas, nas cidades, nos sítios, nas estradas, nos engenhos, em toda parte; os salários miseráveis, as injustiças, os maus tratos, os desempregos, as doenças, a fome, a cadeia, os bailes, os namoros, a eleição, os casos de família. Há libelos tremendos ditos da maneira mais simples. E um só libelo terrível: o do abandono completo do homem da roça, que só encontra proteção precária em um "seu" Galdino de quem se faz servo por algum tempo.

Ao lado desses aspectos dolorosos e tristes vem a poesia das comparações como esta que me comoveu porque foi ouvida mais de uma vez na minha infância "bonito cavalo, branco que nem uma prata"; os imprevistos desse estilo ao mesmo tempo ingênuo e precioso, amante de palavras difíceis usadas erradamente, que eu já surpreendera em centenas de cartas de trabalhadores rurais; e as mulheres. Aqui está o eterno feminino em Lica Castelabate, a de corpo "balanceoso" que no auge do amor ele descreve assim: "De todo jeito Lica era bonita. Ela sorria, era bonita; sentada, era bonita; em pé, era bonita; no modo de andar, era bonita; na conversa, era bonita".

A saudade da camaradagem do futebol juvenil ("Luís Anarcôla era um béque de toda a confiança"), o rapto de Rosa, a viagem do cachorrinho, a ruindade de Alice, o medo das assombrações nas viagens noturnas, o horror ao soldado, a admiração pelo trem de ferro, a ruindade dos homens, a noite entre os lituanos... tudo sucedendo com uma vida e uma força que tontelam o leitor. E quando a gente se lembra que esse Brasil absurdo, cruel, incoerente, não é um Brasil de lendas antigas mas é este mesmo país em que no momento nós vivemos, e essa vida é mais ou menos a mesma vida da maior parte da população deste país — então temos bem o sentimento de que vivemos, e discutimos e brilhamos e nos acotovelamos no interior de um balão suspenso no ar, longe dessa terra e dessa humanidade grossa, dolorida e real que é a nossa pátria.

M 774 - 18.2.67

na tempo

Livro: "Os 3 primitivos"

{ "A cidade e a roça"
"O verão e as mulheres"

2. 10. 49

249